

Arqueologia do Vale do Paraíba – Escavações em Aparecida
Conceição Borges Ribeiro Camargo

A riqueza da região de Aparecida em objetos arqueológicos já tem sido assinalada e eu mesma a ela me tenho referido em trabalhos e artigos. Merece um estudo não só no plano científico ao qual tantos esclarecimentos pode trazer sobre as representações, figurações e outros aspectos da cultura indígena, bem assim no plano artístico, onde há achados do melhor sentido, quer no âmbito plástico, quer no decorativo, ou no histórico.

Desejo, neste artigo, destacar três peças, nas quais esses elementos podem ser analisado com minúcia e utilidade e cuja beleza apenas realçarei.

Uma é a tampa de uma içaçaba – onde havia numerosos fragmentos de ossos. O seu desenho, positivamente de sentido ideográfico, é, a exemplo dos demais objetos similares, continuado, visando a uma impressão de conjunto do melhor efeito.

É curioso que os motivos e os desenhos se assemelham, mas nunca são iguais, e o equilíbrio resulta num confronto, que não obedece a uma rigorosa simetria, a não ser nos valores geométricos. Essas figurações se integram em abstrações míticas, cuja interpretação cabe aos especialistas. Outro aspecto a salientar é a técnica da gravação, na qual a fantasia do autor se contém, seguramente, nas determinações míticas. Não creio tratar-se de mero abstracionismo, pois o desenho me parece muitas vezes figurativo e certos traços lembram cabeças ou animais.

A outra peça é um cachimbo de barro.

Positivamente uma pequena obra de arte. Em ambos os lados uma figura com os braços descidos até a parte inferior do ventre, dando à figuração um aspecto antrozoomórfico. O contorno geral da linha braço-perna configura uma serpente. As máscaras são admiráveis, sobretudo a do lado esquerdo, com uma acentuada expressão de tristeza. O modo pelo qual os índios utilizavam os elementos humanos, animais e vegetais e a interpretação que lhes davam, nos permite vislumbrar o sentido mítico das coisas, através do qual interpretam o mundo real e o sobrenatural. Na sua mentalidade primitiva as coisas adquiriam valores insuspeitáveis e é de se supor que o papel da fantasia criadora fosse limitado, muitas vezes não ultrapassando a habilidade artística.

Nenhuma decoração ou sinal é gratuito, estando profunda e intimamente ligados às implicações mágicas e míticas. Observando as peças assinaladas, qualquer que seja a interpretação dos símbolos de seus ornatos, verifica-se a beleza com que foram contornados ou debuxados, a finura dos desenhos, a marca dos traços, o modelado audacioso.

Observa-se, acima de tudo, que essas peças estão animadas por estranho calor e uma permanente vibração de mistério e magia.

O terceiro exemplar é um machadinho de pedra verde.

Esta pedra é conhecida pelo nome de “serpentina” por causa de sua cor esverdeada, com manchas escuras, lembrando uma serpente.

Este machadinho de pedra verde é uma peça muito rara e acredito tenha vindo de outras paragens ou sido dado como presente ou penhor de aliança entre grupos indígenas diferentes.

Obs: Em 1952, quando procedia a uma escavação em uma das ruas de Aparecida, recém-aberta (Rua Doutor João de Andrade Costa), zona arqueológica, encontrei uma peça indígena. O ilustre médico e historiador lorenense, Doutor Antonio da Gama Rodrigues, interessado nas escavações arqueológicas de Aparecida, esteve presente, assistindo a retirada da içaçaba, doada ao Museu do Ipiranga, em São Paulo.

Texto impresso por ocasião do X Simpósio de História do Vale do Paraíba realizado em Roseira entre os dias 19 e 21 de julho de 1990